

29-09-2023

# Crimes do Estado contra os Direitos Humanos

## Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]



Livro Virtual: Gaze, Rosângela. *Crimes do Estado contra os Direitos Humanos*. MVisat. Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito. Cebras. 2023.

Essa é uma história de amor, indignação e artesanato, alinhavada em múltiplas conexões de pontos. Jeliel, o artesão camelô (Diamantina/MG, julho 2019), desenhou em meu coração as crônicas que compõem esse livro a ele dedicado... Ao relatar que se tornou morador de rua após sofrer grave acidente como trabalhador avulso na montagem da estrutura de um circo, que o deixou incapacitado e sem direitos, o Trabalhador Anônimo Jeliel me dilacerou.

"Uma coisa puxa a outra...", Domitilo de

Andrade, que alguns dizem que pode ser conhecido por Fadel, ao escutar meu desabafo transformado em [crônica](#), lembra do incêndio do circo de Niterói e desenha nova série no Boletim Intersindical: "*Os Grandes Crimes não devemos esquecer*", iniciada pelo Incêndio do *Gran Circus Norte-Americano* em Niterói/RJ (1961). Neste incêndio, como nos outros crimes analisados, os verdadeiros réus costumam contar com os compadrios do Estado, que costumeiramente negligencia seu papel e/ou usa de violência (declarada ou subliminar) para calar (pela morte, ameaça, cooptação) as vítimas. Punir bodes-expiatórios, culpabilizar trabalhadores, ignorar o saber operário, criminalizar movimentos sindical e sociais, muitas vezes covardemente, são estratégias frequentes do Estado ausente, prevaricador. O lugar de fala na análise desses crimes é o das vítimas, aquele que não costuma ganhar visibilidade e, menos ainda, credibilidade e garantia de direitos. Por exemplo, no *Gran Circus*, que matou 503 pessoas (predominantemente crianças), o "bode-expiatório" foi um trabalhador avulso com distúrbios neurológicos. O réu, dono de pelo menos três circos incendiados, escapuliu, reclamando das perdas de dinheiro, com a benemerência do Estado. No Desabamento da Gameleira/BH-MG (1971), na Ditadura, o governador, para assinar a obra, impõe a retirada precoce de escoras e assassina 69 trabalhadores; a culpa recaiu no calculista, que se torna poeta no ostracismo. Na queda do Elevado Paulo de Frontin (1971), também nos anos de chumbo, disputas técnicas, políticas, cifras, prazos, atrasos e determinações do ditador Médici envolvendo a Ponte Rio-Niterói estavam no tabuleiro. Soterrados em ônibus e carros parados em sinal embaixo do sinal, 29 mortos e 19 transeuntes mutilados (a maioria trabalhadores). A construção da Ponte Rio-Niterói (1968-1974) – "obra do século" e do "milagre econômico" – concretou um número desconhecido de trabalhadores, muito mais do que os 33 mortos "oficiais" e os 72 da imprensa. Este inominável crime foi testemunhado pela Baía de Guanabara e sobreviventes: *O mecânico observou, certo dia, que siris subiam aos montes no casco de uma grande embarcação que carregava brita e areia. Preso embaixo dela, estava um cadáver em decomposição há mais de cinco dias. [...] um "peão" [...] esquecido, ficou no local.* ..... Pandemia ..... Aulas migram às plataformas virtuais. Na janelinha, surge Maria Carolina Reis, a ilustradora sanitária, e um belo quadro de seus pincéis. .... Maria interpreta, em traços marcantes, meu coração e minha indignação nas páginas desse livro....

*Crimes do Estado contra os Direitos Humanos* nasce em 2023 em coletânea de crônicas publicadas na *Coluna Opinião* e no *Boletim Informativo do Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito* do [Blog Multiplicadores de Visat](#), durante a pandemia (dezembro/2019–março/2023). Espaço este que atravessou um dos períodos mais sombrios de nosso Brasil sem envergar na defesa diuturna do Estado de Direito. Crônicas retratando Crimes do Estado contra os Direitos Humanos para que, lembrados, não sejam esquecidos. Nos vinte Crimes abordados - dos antigos (incêndio do *Gran Circus*, 1961, e Gripe Espanhola, 1918-9), aos recentes (incêndio da boate Kiss, 2013, e pandemia Covid-19), os que permanecem naturalizados como catástrofes climáticas (enchentes e desabamentos 'sazonais'), os inexplicados com vítimas desconhecidas até hoje (como o do Césio 137), os que arrastam trabalhadores na fúria do lucro devastador como em Mariana e Brumadinho, as violências e negligências do Estado como em Itaípu, Eldorado dos Carajás, Holocausto e apátridas brasileiros, em que as vítimas são criminalizadas desavergonhadamente – a narrativa, por vezes emocionada, amplia olhares, instiga reflexões e indignação. Permanecem crimes e lacunas a investigar, proposições a serem colocadas, esclarecimentos a serem prestados... A lenta reparação de danos da "justiça injusta" deixa gerações de vítimas à espera enquanto réus são beneficiados por infundáveis recursos nas brechas das leis. Transformar agora é urgente. É chegada a hora e a vez de não mais tolerar Crimes do Estado contra os Direitos Humanos!

"Uma coisa puxa a outra..." Puxadas as orelhas, luxo só, Domitilo me apresenta e retrata meu percurso profissional de médica (Unirio, 1979); *questionadora, investigadora, fuçadeira e enfrentadora de desafios* [...] *crença nata de que um Estado democrático é um berço mais acolhedor do que um Estado dominado pelas elites econômicas e pela perpetuação das injustiças*; sanitária (mestrado, IESC/UFRJ, 1999; e doutorado Medicina Preventiva, UFRJ, 2011); casada desde 2007 com *Bernardino Ramazzini, médico que inaugurou a Saúde do Trabalhador no século XVII*. Aposentada, ingresso como professora da UFRJ (2015), hoje no Instituto de Estudos de Saúde Coletiva. *Insaciável na caminhada*, junto forças às do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS/ENSP/Fiocruz), na *militância, pesquisas, estudos, aulas, encontros, oficinas, descobertas, revelações, companheirismo*... Caminhada que se estende ao recente Núcleo Saúde-Trabalho-Direito do Centro de Estudos Brasileiro de Saúde (Cebras), com o propósito de desenvolver ações em defesa da Saúde do Trabalhador como Direito Humano.

...a história de amor e indignação se amplia em generosidade nos prefácios da jornada. Eguimar Chaveiro, o goiano geógrafo poeta, que comigo passeou no subúrbio onde nasci no Rio de Janeiro, prefacia (*A Prova dos Nove*) essa coletânea de crônicas, *"todas calcadas em fatos e documentos, constatando uma triste atualização atávica do Estado brasileiro"*. Atavismo corroborado pelo "literogeógrafo" Ricardo Gonçalves em *A Moenda Atroz do Estado contra os Direitos Humanos*, *"inerente à formação social brasileira. [...] Gentes da terra, das águas, dos campos e das cidades; mulheres e homens situados nos arrabaldes da dignidade e da justiça tiveram a saúde e a vitalidade moídas pelo engenho hediondo do modelo econômico predatório da natureza e do trabalho"*. E no posfácio de René Mendes ao mencionar que o *"estudo, a pesquisa e a consulta a fontes do jornalismo investigativo permitiram a tipificação de 'crime' [...] e que as centenas de fontes citadas" [...]* *"ampliam, exponencialmente, o alcance de seu texto-denúncia"*. .....

Não encerrando - conexão de pontos não se encerra -, Domitilo convoca:

***O livro "Crimes do Estado contra os Direitos Humanos" é grito de revolta, súplica por um país mais justo, indignação contra os covardes que nos governam, é um chamado aos que (ainda) têm alma, um desagravo à afronta dos que não se posicionam, é tudo e mais um pouco para insuflar nas pessoas a defesa dos direitos humanos.***